

Diario de Lisboa

Numero avulso: 20 CENTAVOS

Administrador e Editor

MANZONI DE SEQUEIRA

Tel. 3194 e 3195-C.-Enq. Teleg. DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, administração e oficinas

RUA LUZ SORIANO, 49

Impressão: Eaa do Seneo, 43

UMA PERDA NACIONAL

GUERRA JUNQUEIRO MORREU ESTA MADRUGADA

O ocaso de um grande genio que encheu de gloria o nome português

A morte de Guerra Junqueiro! Parece que se fez noite nas almas, e que todos nós estamos sob a pressão esmagadora de um peso, vendo prostrado sem vida esse arcabouço de gigante que era, na colossal grandeza do seu estro, toda a gloria de uma Patria e todo o orgulho de uma raça. Baçou o ultimo dos «Vencidos da vida»; estriou para sempre esse cerebro de privilegio que foi o mais portentoso genio do seu tempo; que foi toda a magia da beleza na maravilha dum verso, e que foi toda a formosura do espirito na sublimidade dum pensamento.

Ninguem, como ele, elevou mais alto, em lingua portuguesa, essa ancia de perfeição que nos aproxima de Deus; como ninguem soube, ainda, immortalisar em rajadas mais impetuosas de ritmo, de vibração e de côr, essa sêde de infinito que atormenta a consciencia humana desde o além longinquo da criação até à soturnidade transformadora do tumulo.

Pode que a sua constituição mental tenha tido fazes discutíveis no campo arido do flososofismo; pode que o seu estro nem sempre tenha servido a doutrinas sãs—o eterno entrecocar das crenças a separar os homens na disputa inutil dos principios—mas Junqueiro foi sempre grande. Blasfemando os sectarismos sarcasticos da «Velhice do Padre Eterno», ou chicoteando a indignação formidavel do «Fim da Patria», ou satirizando a devassidão sensual da «Morte de D. João», ou penitenciando-se no bucolismo calmo dos «Simples», ou heroicisando Nun'Alvares nos tercetos imorredouros do «Patria», Junqueiro foi sempre grande, foi sempre genio, foi sempre a Arte superiorisada em versos que não esquecem mais.

Não é esta a hora de criticar a sua obra; porque só a dor inigente que tal perda nos causa deve ser, para todos os portugueses, neste momento lutooso, a preocupação das nossas almas. Mas, se algum se atrevesse, apesar de tudo, a discutir, em face desse cadaver, que é já agora uma reliquia da Patria, o merito do poeta que é, d'oravante, uma saudade confrangedora, bastaria lembrar que nunca adversario algum, defrontando-o no campo das ideias, osou negar-lhe a grandeza, na força criadora do pensamento, no lampear dominador da sua arte.



Guerra Junqueiro

O espirito de Guerra Junqueiro derdejou raios de luz que, nem a distancia nem o tempo podem vencer; o seu verbo foi o acumen da harmonia e a dignificação da palavra; a sua obra, é, toda ela, um monumento de beleza, erguido em Portugal á maior gloria da intelligencia humana.

Quem cantou, jamais, com tanta ternura como ele, as noites de inverno, que ficaram fotografadas assim, no *In paivis de Os Simples*?

Oh, que noite negra, que inverno brava! Nem uma estrelinha pelo céu reluz!

Chora o vento ao longe com a voz tão cava,

Como quando dizem que de dôr chorava
Toda a santa noite em que expirou Jesus!...

Vêm sanguinolentos gritos moribundos
Das soturnidades torvas do horizonte!

Já nos ermos andam lobos vagabundos...
Já os rios cheios, com bramidos fundos...
Num diluvio d'agua vão de mar a monte!...

E o enigma da vida? Quem soube alguma
vez senti-lo e dizê-lo como ele o sentiu e
disse nestes versos formosissimos?

Sempre, sempre, sempre, cinza, fumo e chama
Viverão, morrendo a toda a hora... sempre!...
Nuvem que tropeja, eslix que embalsama,

Planta, pedra, insecto, humanidade, lama,
Serão tudo, tudo!... inconcebível!... Sempre!

Mas a alma, as almas, quem as ha criado?
Qual a origem d'onde a sua essencia emana?...
Ah, em vão levanto o triste olhar magoado
Para os olhos d'oiro que do azul sagrado
Lançam as estrelas á miseria humana!...

Mas... não exemplifiquen os... porque toda a obra do poeta é um assombro de arte. Quem lhe diria a ele, ao genio que tanto sentiu, que a sua morte havia de arrebatá-lo precisamente como a ansiou um dia quando escreveu:

Rese esse rosario, santa lacrimosa!
Sobre os teus joelhos deixa-me deitar!
Triste da minh'alma!... vê, que desditosa!...
Unge-m'a de benções, mão religiosa!...
Cobre-m'a de graças, cristalino olhar!...
Rese-lhe baixinho, minha boa amiga!
Rese-lhe rosarios de orações idiais!
Morta de miseria, morta de fadiga,
Deixa que ela durma na pureza antiga...
Que ela durma... sonhe... e não acorde mais!...

Foi assim que morreu o poeta. Lucido, sereno, mal o dia se poz a dealbar, olhou o sol que tanto o embriagara de luz pela vida fora, e, vendo a seu lado, vigilante como uma estatua de angustia, a santa velhinha que fôra o seu amparo e que partilhara com ele todas as dores e todas as alegrias da existencia, fer-lhe as ultimas recomendações. Funeral simples; tão simples como a sua vida fôra. Religioso; mas sem ostentações, sem pompas, sem cousa alguma que denotasse uma preocupação da sua alma com as vanglorias miserias do mundo:

Deixa que ele durma na pureza antiga...
Que ele durma... sonhe... e não acorde mais!...

E dormiu... e sonhou... E não acordou mais...
Porque foi sonhando que se evoluiu para a Eternidade aquela alma de eleição que bastava por si só para encher de gloria toda a contemporaneidade portuguesa e para enobrecer o valimento racico não só de uma geração mas de uma raça inteira!

UMA PAGINA QUE PERDURA

A epistola "Aos simples"

DE GUERRA JUNQUEIRO

"Uma bela peça, sem sátira nem satanismo, dominada por um altivo tom de eloquencia"

O almas que viveis puras, insculadas,
Na torre de luar da grade e da illusão,
Vós que inda conservais, intactas, perfumadas,
As rosas para nós ha tanto desfolhadas
Na aridez sepulcral do nosso coração;
Almas, filhas da luz das manhas harmoniosas,
Da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas,
Da luz, olhar de Deus, da luz, benção d'amor,
Que faz rir um néctario no pé de cada abelha,
E faz cantar um ninho ao pé de cada flor;
Almas, onde resplende, almas onde se espelha
A candura inocente e a bondade cristiã,
Como num ceu d'Abril o arco da aliança,
Como num lago azul a estrela da manhã;
Almas, uras de fé, de caridade e esperança,
Vãos d'ouro contendo aberto o livro sabão,
Um livro inmorredouro, um livro alabastrino,
Que os anjos do Senhor vem orvalhar com pranto,
E a piedade florir com seu clarão divino;
Almas que atravessais o lodo da existencia,
Este lodo perverso, iniquo, envenenado,
Levando sobre a fronte o esplendor da innocencia
Calcando sob os pés o dragão do pecado;
Bemditas sejais vós almas que est' alma adora,
Almas cheias de paz, humildade e alegria,
Para quem a consciencia é o sol de toda a hora,
Para quem a virtude é o pão de cada dia!
Sois como a luz que doira as trevas dum monturo,
Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;
E tudo quando em mim ha de belo ou de puro,
— D'este a esmola que eu dou e recebo que eu murmuro —
E' vosso: fostes vós o meu primeiro altar.
La da minha distante e encantadora infancia,
Desses ninho d'amor e saudade sem fim,
Chega-me ainda a vossa angelica fragrança
Como uma harpa cõlta o cantar a distancia,
Como um veu branco ao longe inda a acenar por mim!
Minha mãe, minha mãe! ai que saudade imensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Caia mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares,
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impavido lebreu.
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma dum justo, ia em triunfo ao ceu...
E mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, alumiando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração.
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse a cada sofrimento,
Que mandasse uma estrela a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todas pedia.
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as magoas...
Pelos miseros que entre os vivos das procelas
Vão em noite sem lua e num barco sem velas
Errantes atreves do turbilhão das aguas.
O meu coração puro, inmaculado e santo
Ja ao trono de Deus pedir, como inda vai,
Para toda a nudez um pano do teu manto,
Para toda a miseria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Paúl...
A minha mãe fallou-me era eu pequenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto dum leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo d'oliveira!

* * *

Ó crentes, como vós, no intimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal,
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.
Toda a alma é claro e todo o corpo é lama.
Quando a lama apodrece inda o claro scintilla;
Tirai o corpo — e fica uma lingua de chama...
Tirai a alma — e resta um fragmento d'argilla.
E para onde vai esse claro? Misterio...
Não sei... Mas sei que sempre ha de arder e brilhar,
Para o vicio que morre ovante sobre um trono,
Para o santo que expira inerte numa cruz.
Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que ha-de guardar por sua propria mão
Numa jaula de ferro a alma de Locusta,
Num relicario d'ouro a alma de Platão.
Mas tambem acredito, embora isso vos pese,
E me julgueis talvez o maior dos ateus,
Que no universo inteiro ha uma só diocese
E uma só cathedra com um só bispo — Deus.
E muito embora a vossa igreja se contrista
E a ex-comunhão papal nos abraze e destrua,

A analise é feroz como uma lança em visto
E a verdade cruel como uma espada nua.

Cultos, religiões, biblias, dogmas, asombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompeia.
Exumemos a fé desse montão de escombros,
Desentulhemos Deus dessa aluvião de areia.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Ha de fazer, na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas flutua;
A razão é do ceu o esplendido farol:
Para a noite da morte é que Deus nos deu lua...
Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

* * *

Mas, ai! eu comprehendo os martirios secretos
Do pobre camponês, já quasi secular,
Que vê tombar por terra o seu ninho de affectos,
A casa onde nasceu seu pai, e onde seus netos
Lhe fechariam, morto, o escurecido olhar.
Comprehendo o pavor e a lividez tremente
De quem em noite má, caliginosa e fria
Atravessa a montanha á luz dum facho ardente
E uma rajada vem alucinadamente
Apagar-lho co' a asa atletica e sombria,
Deixando-o fulminado e quasi sem sentidos
A ouvir o ulular das feras e os bramidos
Do ciclone, que explure rouco do sorvedouro,
E se enrosca furioso nos platanos partidos
A estrangular-los, como uma gibóia um toiro.
Comprehendo a agonia, o desespero insano
Do naufrago na rocha, entre o abismo do oceano,
Vendo rolar, rugir os glaucos vagalhões,
Como uma cordilheira herculea de montanhas,
Com jaulas colossais de bronze nas entranhas,
E um domador lá dentro a chicotear trovões.
Astrôlogo, o vosso abrigo, o vosso porto,
E' um Deus que para nós ha muito que está morto,
E que inda imaginamos no entretanto immortal.
Vivei e adormecei nessa crença ilusoria,
Já não podeis transportar os mil anos da historia
Que vão do vosso credo absurdo ao nosso ideal.
Vivei e adormecei nesta ilusão sagrada,
Fitando até morrer os olhos de Jesus,
Como o efemero vão que dura um quasi nada,
Que nasce de manhã num raio de alvorada,
E expira ao pôr do sol noutro raio de luz.
Eu bem sei que essa crença ignorante e sincera,
Não é a que illumina as bandas do Porvir.
Mas vos sois o Passado, e a crença é como a hera
Que sustenta e dá inda um tom de primavera
Aos velhos torções góticos a cair.
Sim, essa crença é um fôro, uma illusão, é certo;
Mas triste de quem vai pelo aral deserto
Vagabundo, esfaimado e nu como Caim,
Sem nunca ver ao longe os palacios radiantes
Duma cidade d'ouro e marmore e diamantes
No quimerico azul d'essa amplitude sem fim!
Quem há de arrancar pois do seu piedoso engaste
O vosso ingenho ideal, ó tremulos velhinhos,
Se a quimera é uma rosa e a existencia uma haste,
Rosa cheia d'aroma e haste cheia de espinhos!
Quem vos há de cortar a flor da vossa esperança,
Quem vos há de apagar a angelica visão,
Se essa luz para vós é como uma criança
Que guin numa estrada um cego pela mão.
Quem vos há de acordar desse sonho encantado?!
Quem vos há de mostrar a evidencia cruel?!
Ah! deixemos a ave ao ramo já quebrado,
E deixemos fazer ao enxame doirado
No tronco que está morto o seu favel de mel!
O' velhos aldoões, exaustos de fadiga,
Que andais de sol a sol na terra a mourear,
Roubar-vos de voss'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As três achas que leva á noite para o lar!
Oh, não! guardai-a bem essa crença d'outrora;
E' ela quem vos dá a paz benigna e santa,
Como a paz dum vegetal d'aurora,
Onde o trabalho ri e onde a miseria canta!
Guardai-a, sim, guarda! E quando a morte em breve
Vos entre na choupana esquelida e feroz,
A agonia será bem rapida e bem leve,
Porque um anjo de Deus, mais alto do que a nevoa
Ha-de estender sorrindo as asas sobre vós.
E vós conhecereis em seu olhar materno
Que é o purgo que embalsou vosso sono infantil,
E que hoje vem do ceu mandado pelo Eterno
Para sorrir na morte ao vosso branco inverno,
Como sorriu no berço ao vosso claro Abril.
E ao pender-vos gelada a fronte alabastrina
Irá levar a Deus o vosso coração,
Tam manso e virginal, tam novo e tam perfeito,
Que Deus ha-de beijar-lo e aquece-lo no peito,
Como se acaso fosse uma pomba divina,
Que viesse cair-lhe, exanime, na mão!

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

A PATRIA DE LUTO

Guerra Junqueiro

NO LEITO DE MORTE

Os seus ultimos momentos, foram duma serenidade admiravel.
O enterro será religioso e modesto, sem corôas e sem discursos

Morreu o ultimo vencido da vida! Morreu Junqueiro! E' cinza a esta hora um pouco do coração da Patria!

A maior aguia latina, que levantou as azas na mais alta montanha, e foi Deus, Jesus em carne, verbo puro, ouro em fio, saudade do luar e sol da exaltação, Nun'Alvares de Portugal, tão grande como Victor Hugo, bronzeo e infinito como os tercetos de Dante; tabua desse triptico colossal que tem Camões no meio e Antero a um lado; S. Francisco de Assis, o Povorelo, descalço e humilde como a urze, a cantar nas montanhas da Umbria, a gloria do Sol, enquanto seus olhos purulentos, de perolas roladas, se fechavam para sempre—Junqueiro, emfim, morreu!

Falar dele, escrever sobre o seu corpo, sobre a sua obra, cathedra de sonho, que immobilizou de espanto a Patria, ressuscitar as suas horas eternas, só quem tivesse a grandeza da sua pena, claridade, relampagos, cores de Jovahi; só quem tivesse entre os dedos os elementos e os lançasse á terra, o poderia fazer como ele fez, quando morreu esse gigante que se chamou Victor Hugo.

Não ha trombetas de ouro para o aclear! Nem bronzes para o esculpir! Nem gargantais! Nem lagrimas! Nem orações! Junqueiro foi um secul! Foi uma Patria! Foi um povo! Foi uma nacionalidade! Foi uma historia! Foi uma lingua! Foi um verbo! Foi um Homem! Foi um Santo! Tudo isto faz um Universo! Defina-mo agora!

Os seus ultimos momentos

Junqueiro presentiu a morte. Quiz morrer em Lisboa. O seu claustro de Barca d'Alva—era a saudade da sua vida. Estava cansado! Estava doente! Veio para Lisboa. Combalido, mas sereno, em plena luz espirital, mas incapaz de escrever.

Queria repousar sob o sol divino, na calma extatica da cidade a que ele insuflara a alma duma resurreição, a quando do ultimatum.

Na casa, desde hoje historio, do seu genro, na rua Silva Carvalho, Junqueiro, defendia-se do mundo.

Não queria visitas. Não queria amigos. O seu quarto era um santuario, onde apenas os medicos entravam. Ha duas semanas, fraco como uma ave, carcassa de rouxinol que já não descanta, Junqueiro, recolheu ao leito.

Os jornais, sabiam da marcha da doença, pelo telefone. A familia defendia-o.

Foi então que se fez a romagem de intellectuais, a casa do poeta. Não passaram do limiar da porta. Ficou cheio de flores.

Sabe-se hoje que Junqueiro mandou abrir as janelas do seu quarto. Sua filha Maria Isabel, juncou-lhe o leito de regaçadas de rosas, de cravos, de lirios. Mas a doença, a bronco-pneumonia, era tenaz, prendea-se áquele organismo, seco, mirrado, informe, e não abalava.

Ha cinco dias, vagamente, soube-se que Junqueiro peiorara.

A todo o instante retinha o telefone da casa da rua Silva Carvalho. Eram os amigos, os admiradores, a massa anonima do povo. De longe, do Brasil, das colonias portuguesas, da America, de todos os pontos da provincia, chegavam telegramas.

E o poeta morria... Fizeram-se ainda varias conferências de medicos. Inuteis. A medicina não vencia aquella doença. Doença fisica? Não! Doença de alma! Junqueiro e Deus, conversavam, na distancia infinita das suas grandezas.

Era a grande reconciliação. O grande caminho, que só a morte pode dar! Ontem, durante todo o dia, no palacete da rua Silva Carvalho, houve uma suspensão. A vida immobilisara-se. Havia apenas uma chama, tenue, doirada, fraquinha, agonisante, a da agonía do maior poeta da Patria.

A Camara Municipal não se lembrou de mandar arear a rua. Carroças e automoveis abalavam os fundamentos do predio. E o sono de Junqueiro, sono de criança, feliz, a dormir nos braços de Deus, era perturbado, cortado, diminuido.

Como ele morreu

O quarto de Junqueiro, deita sobre a rua. Duas janelas largas. Estava numa caminha de criança, de ferro, simples. Pelas paredes ha imagens de santos. Num movel imperio, remedios, muitos remedios caixas de tonicos, jornais cintados. Na mesa de cabeceira, mais remedios que perseguem os olhos, que os atraem, que os immobilisam.

E' meia noite! Junqueiro adormece. No seu quarto, a sua mulher e a sua velha criada Ana, talvez a Candida de Raul Brandão, velho trapo de cozinha, sujo, esfarrapado, grandes olhos como estrelas, queimados de chorar, já fontes, só agua, só lagrimas, velam.

O doente acorda. Na Estrela, os sinos, dão horas. E' uma rajada vortilonante de bronze, que faz estremeçar as paredes.

Depois, silencio. A rua adormeceu. A luz de azeité é doirada, cristé, tenuissima e humilde, para não ferir os pupilas do genio que se apagam.

A Ana faz-lhe berço com as almofadas. A esposa de Junqueiro, levanta-o, beija-o.

Dá-lhe leite, que ele bebe devagarinho, como um menino. Um minuto. Junqueiro adormece em paz. Ha resas murmuradas molemente, com grande canseria, por essas duas grandes mulheres—a Ana do *Retgresso ao Lar, dos Simples*, a Esposamãe.

Passam as horas enveloadas de tristesa. A luz entorna-se melancolicamente. Ha, no quarto, um aroma acido de remedios.

Junqueiro dorme. Todo o rosto calmo, imerso, penetrado de sonho, branquinho, como uma pedra de claustro. A respiração diminui. A custo a barba seca, de S. Francisco de Assis, remexe. E' a dormir, serenamente, que ele morre! Sem uma convulsão, sem uma agonía, sem uma fala, sem um remexer de dedos, um crispar de peito, uma ondulação de labios, que ele adormece serenamente no regaço de Deus!

Eram 4 e meia da manhã. Foi tão suave a morte, que a familia não teve tempo de mandar chamar um sacerdote que lhe ministrasse os ultimos sacramentos.

No leito da morte

A casa onde morreu Junqueiro, lembra a de Camilo, em S. Miguel de Seide. O mesmo terreiro, a mesma acacia de Jorge, a mesma escadaria antiga, fresca de sol, o mesmo silencio conventual. Lá em cima, na varanda, vê-se um pouco de arvoredo. Já chegaram os jornalistas, os fotografos, os empregados da agencia funeraria. Estão junto do portão. A conversar e a fumar. A' 1 hora da tarde ainda não tinha vindo nenhum do governo, da academia, do parlamento. Só o sr. Jaime Atias, pelo presidente da Republica, que está no Gerex.

E' uma casa abandonada onde se chora de mansinho, sem irritações de voz. Salas antigas, com ceramicas, paus santos, muitas imagens.

O sr. dr. Mesquita de Carvalho, atrevido, anda em mangas de camisa, fumando nervosamente.

Entrámos no quarto do poeta. As janelas estavam fechadas, mas desceram-se agora para nós o vermos.

Maria Isabel, uma das filhas de Junqueiro, retira-lhe da face um lenço e das orbitas pedaços de algodão...

Chorámos.

E' uma mascara de alabastro, palida e doce, de pupilas enluradas, imensas, maceradas, numa escultura infinita de veias secas com cantos cizanzados. A cabeça repousa levemente, o cráneo fino como marfim velho.

Queremos accordá-lo, beija-lo, quivi-lo, tão grande é a sua serenidade.

Queremos penetrar aquele cerebro, disseca-lo monstruosamente para adivinharmos o genio de que é feito, a grandeza que nele se amassa, e que a morte immobilizou estancando uma nascente da vida! Junqueiro dorme! Ao lado, um crucifixo, uma vela acesa, uma imagem santa.

O seu cadaversinho seco, mal pousa no branco da coberta. Vestiram-no de negro. As mãos — as mais lindas mãos que eu tenho visto — parafinadas, loucas de beleza, banhadas de luar, aquelas mãos que criaram tanta beleza, e são as dos santos, nos nichos das catedraes, têm delicadezas de marmore de Teixeira Lopes.

Cinzeladas de suavidade, de sonho, de aluras de nuvens, ha quem as beije.

Maria Isabel, a filha do poeta, diz, num choro ardente:

— E' um santo! Como ele morreu! A dormir!

A' 1 hora da tarde Junqueiro é retirado do leito e depositado numa magnifica urna com argolas de prata. Ao transporte do corpo para a camara ardente assistiram apenas os srs. Luis Mesquita de Carvalho e Henrique Trindade Coelho, a filha de Junqueiro D. Maria Isabel Junqueiro Mesquita de Carvalho, seu sobrinho Sebastião Junqueiro e a cunhada do grande poeta e alguns jornalistas.

A viuva do poeta dos *Simples*, recolheu-se ao seu quarto, não recebendo ninguém.

Na camara ardente foi armado um altar, iluminado por 8 velas, com um crucifixo e uma imagem do Coração de Jesus.

No caixão será colocada um imagem de S. Francisco de Assis, como determinou o finado.

O funeral não se realiza antes de terça-feira.

O corpo ficará depositado no Alto de S. João se a familia não determinar que vá para Freixo de Espada à Cinta, onde repouza sua mãe.

As ultimas disposições

Por determinação do finado, o enterro será religioso e modesto, não se recebem corôas e não serão proferidos discursos. Parece que Junqueiro deixou um testamento literario, que se encontra no Porto. Ha pouco tempo, o glorioso poeta, declarou ao dr. Henrique Trindade Coelho que, lhe offereceria a ele e a Teixeira de Pascoais, as quadras religiosas populares de Trás-os-Montes, que ele recolhera da tradição oral, mostrando desejos que fossem prefaciados pelos dois escriptores.

O corpo de Junqueiro será amanhã, pelas 17 horas conduzido aos ombros dos seus amigos e admiradores, para a Basílica da Estrela.